

Aldeia Bálsamo, Rochedo, MS: olhar de um filho seu

Aldeia Bálsamo, Rochedo, MS: a look from your son

Gleison Vasconcelos Figueiredo¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v0i30.392>

Sou Gleison Vasconcelos Figueiredo, acadêmico do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), mas, antes disso, sou Gleison Vasconcelos Figueiredo, membro da comunidade Terena da Aldeia Bálsamo, localizada na zona rural de Rochedo, MS.

O texto a seguir é parte do resultado final da pesquisa que embasou meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a graduação em História. Entretanto o relato a seguir construiu-se a partir da necessidade de registrar e apresentar a história do meu povo, que até então não tinha nenhum escrito oficial que pudesse garantir a materialização da trajetória das pessoas responsáveis pelo surgimento da comunidade à qual pertença.

Por meio das entrevistas que realizei com os anciãos Abadio José de Souza e Leovaldo José Maciel, cheguei a um ponto essencial para o desenvolvimento da pesquisa: foi-me dito que, durante primeira década do século XX, chegaram às margens do Córrego Bálsamo, afluente do Rio Jatobá, em Rochedo, município do estado de Mato Grosso do Sul, as primeiras famílias da Aldeia Bálsamo. De acordo com as informações do senhor Abadio José de Souza, essas famílias constituíram a Aldeia Jatobá, por estar próxima ao Rio Jatobá. As primeiras famílias da comunidade foram as famílias do senhor Laudelino José de Souza, que se casou com a senhora Petronília Loureiro Figueiredo e foi o primeiro cacique da aldeia, e do senhor Manoel Inácio de Souza, casado com a senhora Maria das Dores e avô da Senhora Petronília.

¹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Sobre o autor:

Acadêmico do curso de História da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: gleisonvasconcelos@gmail.com

Segundo relato do senhor Leovaldo José Maciel, irmão por parte de pai da senhora Petronília e meu avô paterno, os fundadores da Aldeia Bálamo saíram do município de Nioaque, estado do Mato Grosso Sul. Durante nossa conversa, ele menciona que a migração para Rochedo, MS foi motivada por questões de emprego, uma vez que os indígenas sofreram com a ocupação de suas terras por fazendeiros no momento pós-guerra do Paraguai, situação que obrigou índios de diversas etnias a se apresentarem aos novos proprietários rurais do estado para oferecer sua força de trabalho.

Tanto o senhor Abadio José de Souza quanto meu avô, o senhor Leovaldo José Maciel, afirmam que os primeiros indígenas que se instalaram no local onde se localiza a Aldeia Bálamo se depararam com um ambiente natural preservado, apesar de já estar nas mãos de fazendeiros. Em ambos os relatos, os indígenas descrevem o local como uma região de mata fechada onde se encontravam todos os tipos de animais que o serrado abriga. Abadio e Leovaldo afirmam que o ambiente da região onde moram foi transformado em um grande pasto para criação de gado e para a plantação de lavouras, contando com a ajuda de seus pais e deles mesmos, pois se tratava do único trabalho disponível aos indígenas e, conseqüentemente, da única maneira de manter suas famílias.

Outro desafio enfrentado pelos indígenas foram as subdivisões das terras onde haviam criado um novo território que começaram a ser divididas, com isso, as famílias que se espalhavam por um amplo espaço começaram a ser retiradas de suas casas. Algumas pessoas decidiram procurar oportunidades em outros municípios do estado, inclusive na capital; já aqueles que resolveram ficar foram cada vez mais limitados.

A chegada dos Terena em território rochedense se deu aos poucos. Trata-se de um movimento que se deu gradativamente e que, inicialmente, fez com que os indígenas habitassem outras regiões do município antes de se fixarem onde hoje é a Aldeia Bálamo.

No pedaço de terra que foi concedido às famílias de indígenas que se instalaram na Aldeia Bálamo foram estruturadas casas que, naquela época, eram feitas sobre alicerces de troncos de árvores de grande porte, como Aroeira e Angico. As paredes eram feitas a partir do tronco da Macaúba² e telhado de capim Sapé.

² A Macaúba (*Acrocomiaaculeata*) é uma palmeira que alcança até 25 metros de altura e possui espinhos longos e pontiagudos que pode ser encontrada em quase todo o Brasil e pode ser conhecida como Bocaiúva, Macaiba, Coco-baboso e Coco-de-espinho. Disponível em: <<http://www.cerratinga.org.br/macauaba/>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Os indígenas que chegaram a Rochedo estabeleceram uma relação pacífica com os fazendeiros da região onde passaram a viver. No entanto essa relação se deteriorou com as gerações seguintes. Quando houve as divisões da terra do senhor Limírio Alves Rabelo, herdeiro de uma das fazendas que fazem divisa com a Aldeia Bálamo, este concedeu uma pequena porção de terra aos meus bisavós e aos que moravam na Aldeia Bálamo. Por questões de herança, a aldeia ficou dentro das terras do senhor Júlio Honostório de Rezende, que manteve uma relação de boa vizinhança com os indígenas.

Com a morte de Júlio Honostório de Rezende, o senhor Valter Rezende se tornou o dono da área onde está localizada a aldeia, este, por sua vez, pouco fez para prejudicar os indígenas. Porém, o senhor Abadio e meu avô, senhor Leovaldo, relatam momentos de conflitos indiretos com os fazendeiros, entre os quais houve a necessidade de os indígenas terem de se deslocar até Brasília para defender o seu território. Sobre isso, os anciãos entrevistados descrevem a viagem realizada como longa e cansativa e destacam que tiveram de conversar com pessoas que pediram provas de seu pertencimento à etnia Terena.

Em termos de trabalho, houve a necessidade trabalhar para os donos de fazenda sob o acordo de porcentagem, no qual os índios trabalhavam em troca de parte da produção. Os homens trabalhavam na roça com suas mulheres, sendo que algumas trabalhavam com serviços domésticos nas sedes e faziam produtos como queijo e doces variados.

Para complementar a porcentagem da colheita que recebiam do fazendeiro por terem trabalhado a terra, os indígenas mantinham atividades de caça e pesca, uma vez que a região, nesse período, encontrava-se mais preservada que nos dias atuais. Entre as mencionadas atividades de complementação, a pesca foi de fato a mais valorizada, já que a aldeia havia se erguido às margens de um córrego, além de ter os rios Jatobá e Baeta a poucos quilômetros de distância.

Comparando o meio de vida das primeiras gerações dos indígenas Terena de Rochedo com os atuais, nota-se que já não há uma exploração como antes, mesmo assim as “empreitas” oferecidas por fazendeiros ainda são uma complementação para suas rendas. Além disso, já não se pode contar tanto com as atividades de complementação (caça e pesca), que foi limitada pela poluição do córrego Bálamo e pela proibição a prática da caça, além do desmatamento para a formação de pastos para criação de gado.

Com as limitações impostas, os indígenas sentiram necessidade de fazer parte de cadastros de programas sociais, como cestas básicas oferecidas pelo governo estadual e o “Bolsa família” do governo federal. Para complementar e manter a situação financeira, a maioria dos homens ainda trabalha para

os proprietários das fazendas que cercaram a comunidade indígena. Com a extensão territorial a que estão limitados, os indígenas pouco colhem de suas terras. Mandioca, milho e abóbora são os poucos alimentos que as famílias plantam em seus respectivos quintais e que complementam sua alimentação.

Observando aspectos culturais, percebe-se as extremas modificações que sofremos em relação a nossa cultura original. Muitos não conhecem os passos da “Dança da Ema” ou as histórias de como os Txanés-Guaná foram obrigados a sair do Exiva e vir habitar esta região, muito menos de como os *purútuyes* exploraram a mão de obra dos antigos Chanés. Isso é tão verdade que eu mesmo só tomei conhecimento da história indígena após meu ingresso na universidade.

Os indígenas que deram início à formação da aldeia Bálamo sofreram com a intensa relação existente entre os indígenas e os não índios. Quando chegaram à região onde estamos, já tinham o português como língua principal, mesmo conhecendo o dialeto falado por nossos antepassados. Como o português se tornou essencial para a sobrevivência dos indígenas, houve pouca preocupação em se transmitir o idioma Terena para as gerações seguintes, ocasionando o rápido enfraquecimento da cultura linguística.

Como habitante da Aldeia Bálamo, presenciei o enfraquecimento da cultura entre os Terena de Rochedo e a não transmissão dos antigos costumes, que teve como consequência uma aldeia com crianças e jovens que desconhecem completamente a língua e a história de seus antepassados. Porém a falta de conhecimento em relação à cultura não afeta apenas os indivíduos da atual geração infanto-juvenil, os adultos têm conhecimento de poucas palavras no idioma Terena e não praticam nenhum tipo de dança ou ritual característico da nossa etnia, enquanto os mais velhos se fecham e mantêm as antigas práticas culturais encarcerada em suas memórias.

A religiosidade Terena foi substituída pelo protestantismo, que, além de sufocar o pouco que ainda restava da cultura Terena original, que faziam a mim e a todos que cresceram comigo temerem alguns seres sobrenaturais, fez com que muitos indígenas parassem de praticar atividades recreativas comuns, tais como os bailes que eram realizados nas dependências da aldeia.

Atualmente há uma igreja de cunho protestante construída em alvenaria nas dependências da aldeia, o que indica a descaracterização da cultura religiosa há muito praticada pelo povo Terena. Essa igreja promove cultos duas vezes por semana e constantemente recebe fiéis da área urbana e de municípios vizinhos a Rochedo, incluindo a capital do estado de Mato Grosso do Sul: Campo Grande.

A aldeia não apresenta mais as antigas casas cobertas por capim sapé, que fora substituído pelas telhas de amianto, mas as paredes ainda são feitas a partir do tronco da Macaúba. Além disso, cada residência possui um banheiro externo, estruturado em alvenaria com água encanada proveniente de um poço artesiano perfurado na área mais alta da aldeia.

Na primeira década do século XXI, grandes mudanças ocorreram na infraestrutura da nossa aldeia. Por volta de fins de 1999 e início de 2000, a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), por meio de suas atribuições, providenciou que fosse perfurado um poço artesiano e que fosse instalada uma rede de distribuição de água tratada. Foi construído um alojamento para que fosse instalada a bomba automatizada que permite o abastecimento das residências, que, nesse período, eram 14.

Em 2006, a prefeitura do município de Rochedo, Mato Grosso do Sul, fazendo uso de recursos específicos, promoveu a instalação e distribuição da rede elétrica para as residências e instalando iluminação pública, por cuja manutenção ainda se responsabiliza.

Houve ainda construção de um posto de atendimento médico, que recebe a equipe itinerante de saúde do município duas vezes por mês, para a realização de consultas, entre outras atividades necessárias a manutenção da saúde dos Terena. Essa obra foi concluída em fins de 2005 e início de 2006 e abrange uma sala para pré-consultas com banheiro exclusivo, uma sala para a realização da consulta médica, também com banheiro exclusivo, uma cozinha, dois banheiros voltados ao público e uma varanda espaçosa para que todos possam esperar pelo atendimento.

Equipamentos básicos como balanças para adultos e para bebês, maca, mesas e cadeiras, armário com arquivos dos pacientes estão disponíveis aos indígenas, além de geladeira, fogão a gás e os equipamentos para manutenção do espaço, como os materiais de limpeza e o cortador de grama.

A construção mais recente também envolve parceria com a prefeitura e foi concluída em 2011. Trata-se de um salão coberto direcionado para realização de reuniões e eventos da comunidade. Possui uma cozinha equipada com um fogão industrial de porte pequeno e uma pia. Além da cozinha, o espaço abrange dois banheiros e uma churrasqueira.

Apesar da infraestrutura que possui, a aldeia ainda se limita a um espaço muito pequeno, onde não se colhe para todos, e o que se colhe é somente para a subsistência. O não reconhecimento de um território oficial dos indígenas Terena de Rochedo não permite uma produção em escala maior que aquilo que se pode colher em um quintal.

Foi essa mesma falta de espaço que levou muitos indígenas a saírem da aldeia e migrarem para a área urbana ou para fazendas de outros municípios, afinal, se não é possível produzir além daquilo que os quintais permitem, como se fará para sustentar uma família composta por seis ou mais membros?

São comuns, entre os indígenas adolescentes, histórias de como seus pais os obrigaram a tomar algum tipo de chá de alguma erva para curar algum tipo de dor ou incômodo físico. O mais conhecido dos jovens é o boldo, planta usada para tratar de desconfortos estomacais, do qual, particularmente, não gosto muito.

Porém a saúde dos indígenas recebeu, por muito tempo, apoio da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) que atuava na aldeia por meio da SESAI (Secretaria de Saúde indígena) desde 1998, mantendo um agente de saúde indígena dentro da aldeia e que, a cada período de quinze dias, coordenava o encaminhamento de indígenas ao município de Rochedo para a realização de consultas médicas entre outras atividades desse aspecto.

Atualmente a aldeia recebe uma equipe de saúde itinerante do município composta por um médico clínico geral e enfermeiras (os). Essa equipe promove consultas e distribui medicamentos, além de oferecer encaminhamentos para exames que devem ser realizados na capital.

As visitas da equipe de saúde do município foram um grande avanço para a questão da saúde dos indígenas, uma vez que não precisam mais se deslocar, contra sua vontade, no caso dos anciãos, até o município, a não ser por um caso de emergência ou por ser algo que deve ser realizado na unidade de saúde municipal, como ocorre com as coletas de material para realização de exames.

Os indígenas ainda possuem o atendimento de um agente de saúde local e membro da comunidade indígena, este deve realizar visitas às residências periodicamente e manter-se atualizado em relação ao estado de saúde de todos. O agente de saúde ainda é responsável por comunicar o município sobre emergências e deve solicitar um veículo da unidade de saúde sempre que necessário. É preciso citar que atualmente o contrato do agente de saúde da aldeia foi terceirizado, não estando sob o comando da Secretaria de Saúde Indígena, e sim por uma empresa à parte.

A educação das crianças da Aldeia Bálamo sempre foi a educação tradicional não indígena; desde que tivemos acesso à escola jamais houve qualquer relação com ensinamentos voltados para a cultura Terena, nem mesmo por parte dos nossos pais.

A geração considerada neta dos fundadores estudou, em sua grande maioria, em uma escola rural estruturada pela gestão municipal da década de 1980, e os que frequentaram essa escola rural estudaram apenas até a terceira ou quarta série do Primeiro Grau, o que corresponde atualmente ao quinto e sexto ano do Ensino Fundamental, respectivamente.

O nível educacional alcançado por esses indígenas é resultado das necessidades que passaram em seu “tempo de escola”. Fica claro nos relatos que aqueles que cresceram dentro da aldeia não tiveram escolha senão deixar os estudos para auxiliar seus pais nas lavouras. Porém é preciso esclarecer que apenas uma parcela dos indígenas passaram por isso e que uma segunda teve a oportunidade de estudar na escola estadual do município de Rochedo, e estes tiveram a possibilidade de terminar o Segundo Grau, que corresponde ao atual Ensino Médio.

As oportunidades da minha geração não se comparam à descrita acima, uma vez que os nossos pais adquiriram consciência da importância da educação formal. Além disso, eu e os que cresceram comigo tivemos acesso a uma escola municipal que oferece o Ensino Fundamental completo e a uma estadual com os três anos do Ensino Médio, assim como nossas atuais crianças e adolescentes estão tendo agora.

Além de uma escola com boa estrutura e um corpo docente com grau superior de estudo, os indígenas, junto a todas as outras pessoas que compunham a zona rural de Rochedo, puderam contar com a disponibilidade de transporte gratuito para deslocar os estudantes até o município, onde, três vezes por semana, passavam o dia todo na escola, sistema que, alterado em 2007, ano em que eu passei da 5ª série para o 7º ano, e mesmo ano em que os alunos passaram a frequentar a escola todos os dias durante meio período.

Essa diferença de oportunidades entre uma geração e outra tornou possível a minha ascendência intelectual e profissional, assim como a outros que vieram depois de mim, pois foram essas possibilidades que garantiram o ingresso de uma geração da nossa comunidade no Ensino Superior.

A estruturação da Aldeia Bálamo de Rochedo, Mato Grosso do Sul, se deu por motivos já conhecidos de estudiosos dessa área, a desterritorialização; no caso das famílias que formaram a comunidade indígena de Rochedo, os motivos não se diferenciam.

Para concluir, faz-se necessário destacar que a pesquisa proporcionou uma recuperação histórica da minha comunidade e me ajudou a compreender a trajetória e as lutas enfrentadas pela minha comunidade, a Aldeia Bálamo, que até então era mantida apenas na memória daqueles que vivenciaram todos

os momentos de trabalho e da busca pela manutenção da nossa aldeia. E ousou ainda destacar que minha pesquisa fez-se necessária para evidenciar ainda mais a grande perda cultural que sofremos ao seguir as exigências daqueles que não hesitaram em inferiorizar o modo de vida e a dignidade dos povos indígenas, o que era um dos objetivos deste pesquisador indígena.